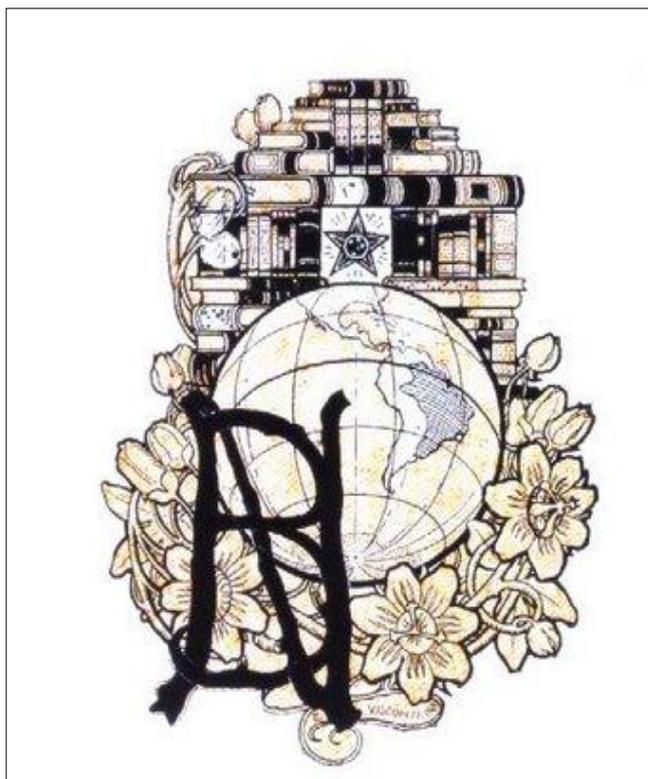


Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa
2013

Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC



Camila Escudero

Identidades culturais reais e simbólicas nos jornais de imigrante do arquivo da Biblioteca Nacional¹

Resumo

No Acervo de Periódicos da Biblioteca Nacional estão localizados 397 veículos impressos voltados para imigrantes. Denominados jornais de imigrantes, jornais de colônia ou coloniais, jornais étnicos, jornais estrangeiros ou de língua estrangeira, entre outros termos, esses veículos fornecem elementos ao seu leitor que propiciam um contato direto com suas raízes e origens por meio de seu conteúdo – seja pelo idioma em que é escrito, seja pela etnia ou nacionalidade às quais está intimamente ligado. Verificar no conteúdo desses jornais assuntos representados que favorecem a identidade cultural da nacionalidade envolvida e saber se, ainda nos dias de hoje, essa identidade (real ou simbólica) é reconhecida pelos membros da comunidade, é o principal objetivo deste trabalho. Após mapeamento do Acervo, Análise de Conteúdo dos jornais *O Lusitano* e *El Correo Gallego* – que circularam no Rio no início do século XX – e realização de Grupo Focal com imigrantes portugueses e espanhóis (galegos), destacamos que os meios de comunicação voltados para imigrantes contribuem para uma representação social e identitária atemporal que, ainda que seja simbólica e não aplicável no cotidiano, tem forte presença no imaginário social.

Palavras chave: jornais de imigrantes; Biblioteca Nacional; identidade cultural. Representação.

1. Imprensa migrante: representação e identidade cultural

Oficialmente, o início da imigração no Brasil se deu em 1818, com a chegada de 1,7 mil suíços que se instalaram no Rio de Janeiro, especialmente na região serrana, onde fundaram a cidade conhecida atualmente como Nova Friburgo. O próprio processo de colonização brasileiro, a revolução industrial, o fim da escravidão, o crescimento demográfico europeu, as Primeira e Segunda Guerra Mundial e o comunismo na Rússia e Leste Europeu podem ser apontados como fatores macrossociais que contribuíram para a chegada dos imigrantes ao território brasileiro. Mas há outros, os microssociais (na maioria decorrente dos macros e de caráter conjuntural), entre os quais se encontram, principalmente, questões de ordem local (miséria, fome, doenças, carência de oportunidades etc.) ou mesmo pessoal (busca de riquezas e aventuras, laços de parentesco e amizades etc.).

¹ Trabalho realizado e financiado pelo Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP) da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), entre dezembro de 2013 e dezembro de 2014.

² Doutoranda em Comunicação Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Comunicação Social e graduada em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com pós-graduação em Jornalismo Internacional e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora substituta da ECO-UFRJ, das disciplinas Teoria da Comunicação, Metodologia Científica e Comunicação e Realidade Brasileira. Bolsista do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP) 2013-2014 da Biblioteca Nacional. Integrante do Grupo de Pesquisa Diaspotics e da Comunidade Emergente de Comunicação COMUNI. E-mail: camilaescudero@uol.com.br

Registros mostram que até 1940 – período que compreende também a chamada migração em massa, responsável por 70% do volume total de pessoas deslocadas entre os anos de 1880 e 1921 –, cerca de 4,7 milhões de estrangeiros tinham chegado ao território brasileiro. De 1944 a 1953, do total da população brasileira, 14,4% eram de espanhóis; 18,3%, de italianos; 1,1%, de japoneses; e 41,1%, de portugueses³.

O Brasil é tradicionalmente um país de imigração. Desde o descobrimento, foi ocupado, colonizado e povoado por diferentes grupos étnicos e raciais. O Brasil recebeu o terceiro maior contingente de imigrantes, pois, embora, tenha havido algumas oscilações, podemos dizer que o primeiro contingente se dirigiu para os Estados Unidos e o segundo para a Argentina. ‘Fazer América’ era o sonho da maioria dos imigrantes. Para muitos deles não havia diferença entre a América do Norte e a do Sul. A América era a terra de oportunidades, onde haveria a possibilidade de enriquecimento para todos (FREITAS, 1999, p.32-33).

O fato é que estes estrangeiros recém-chegados recriaram suas tradições no Brasil. Segundo Darcy Ribeiro (1995, p.21) – na sua obra clássica *O povo brasileiro* –, os estrangeiros introduziram no país novos contingentes humanos, principalmente europeus, árabes e japoneses e “já encontrando [o brasileiro] capaz de absorvê-los e abrasileirá-los, estrangeirou alguns brasileiros ao gerar diferenciações nas áreas ou nos estratos sociais onde os imigrantes mais se concentraram”. Assim, muitos se organizaram e se firmaram perante a sociedade brasileira.

[...] esses imigrantes tanto manipularam quanto modificaram o sistema, tornando-se, rapidamente, parte integrante da nação brasileira moderna, à medida que eles desafiavam as idéias de como essa nação deveria ser imaginada e construída (LESSER, 2001, p.19).

Foi neste contexto que surgiram os jornais, boletins, revistas, enfim, veículos impressos voltados para imigrantes, ou seja, publicações feitas por colônias e comunidades de estrangeiros destinadas a seus próprios integrantes. Denominados jornais de imigrantes, jornais de colônia ou coloniais, jornais étnicos, jornais estrangeiros ou de língua estrangeira, entre outros termos, no princípio, o objetivo primordial era estabelecer um canal próprio de comunicação entre os imigrantes que pudesse refletir suas necessidades (informações da terra natal, prestação de serviços como documentação, informações sobre emprego, moradia etc.), bem como garantir a manutenção da identidade cultural do grupo sem esbarrar no problema do idioma (eram escritos em línguas vernáculas).

Certamente, o jornal teve para os primeiros imigrantes esta função fortemente socializadora, levando ao conhecimento de todos os valores estabelecidos, e introjetando em cada um a ideologia dominante na época. Com a folha impressa, o imigrante entra em contato com um conjunto de normas, comportamento, idéias e valores organicamente sistematizados [...] (CAPARELLI, 1979, p.95-96).

³ Fonte: Site do Memorial do Imigrante: <http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>. Acesso em: janeiro de 2014.

De lá para cá, muita coisa mudou. Os imigrantes foram se integrando à sociedade brasileira e absorvidos por ela, em processos de aculturação e assimilação. As publicações impressas acompanharam essas mudanças⁴. Títulos desapareceram, outros surgiram e alguns se fundiram ou se reestruturaram, principalmente migrando para a Internet, onde custos de publicações e alcance de leitores destacam-se como facilidades das chamadas TIC's (Tecnologia de Informação e Comunicação). Assim, impresso ou digital, nos dias de hoje, a quantidade dos veículos informativos para imigrantes ainda é significativa — uma vez que, entre outros fatores, estão ligados a colônias tão diversas (com seus respectivos hábitos, costumes, tradições, interesses etc.) — apesar de não seguir um modelo único, com grande diversidade de estilos, formatos, estrutura e conteúdo.

Entre tamanha variedade, sabe-se que o jornal voltado para o imigrante fornece elementos ao seu leitor que propiciam um contato direto com suas raízes e origens por meio de seu conteúdo — seja pelo idioma em que é escrito, seja pela etnia ou nacionalidade às quais está intimamente ligado. Dessa maneira, em suas páginas, é comum a representação de assuntos e informações ligados à preservação e manutenção de sua identidade cultural (hábitos, costumes, tradições, língua etc.) do imigrante.

Vale ressaltar que adotamos aqui o conceito de representação a partir da teoria de Sergei Moscovici em seu trabalho intitulado “La psychanalyse, son image et son public”, de 1961, quando o autor dava os primeiros passos no desenvolvimento do que ficou conhecido como Psicologia do Conhecimento. É baseada, especialmente, no conceito de representações coletivas, de Émile Durkheim. Em linhas gerais, a representação social é uma modalidade particular de conhecimento, que tem como principal função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos, ou seja, refere-se ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos.

A representação é um corpus organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças aos quais os homens tornam inteligíveis a realidade física e social, se integram em um grupo ou em uma relação cotidiana de trocas, liberando os poderes de sua imaginação (MOSCOVICI, 2009, p.105).

Já sobre o conceito de identidade cultural, utilizamos o proposto por Stuart Hall (2005, p.112):

Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividade, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’ (...) Elas [as identidades] têm a ver [...] com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos

⁴ Conforme explica Sérgio Caparelli (1979, p.91): “as mudanças no sistema de comunicação expressam as necessidades que se criam dentro da sociedade e as mudanças da estrutura social correspondem a mudanças nos conteúdos veiculados e também nos próprios canais de informação”.

tornamos. Têm a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma de como nós podemos representar a nós próprios’. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração mas como ‘o mesmo que se transforma’.

É no país receptor que a identidade do imigrante representada pelo noticiário nesse tipo de imprensa se torna mais autêntica que no de origem, não importando há quanto tempo se passou da chegada do imigrante e do seu estabelecimento no novo território e se essa identidade ainda existe no país de origem. A preservação da tradição, o resgate da ancestralidade e da cultura permeiam não só as atividades realizadas pelos mais variados grupos, associações e entidades retratadas nesses jornais, mas a forma de se comunicar dessas publicações, num valioso sistema de representação. Percebe-se nelas a necessidade de se imprimir seu universo simbólico despertada no momento em que o imigrante se viu lançado na tarefa de construir para si mesmo uma realidade familiar – que o confortasse em meio a tantas coisas novas e desconhecidas encontradas no Brasil. Esta, por sua vez, pode ou não corresponder à realidade atual. Um imigrante recém-chegado destas comunidades se hoje em dia lesse essas publicações, talvez não se visse reconhecido nelas. É como falar que todo brasileiro gosta de samba e futebol — o que não representa a realidade, mas sim o imaginário comum que o estrangeiro tem do brasileiro. São estereótipos que o imigrante tem a necessidade de manter para se identificar e ao mesmo tempo se diferenciar dos demais grupos.

A consciência nacional é inevitavelmente acentuada pela imigração. A solidão e um ambiente não-familiar remetem os pensamentos e as afeições do viajante de volta para sua terra nativa. O estranhamento com as novas coisas que o cercam enfatiza o parentesco com as coisas que ele deixou (PARK, 1922, p.49).

Diante de todas essas informações e ciente do papel da imprensa como contribuinte da compreensão e representação da sociedade, objetivamos resgatar neste artigo uma parte relevante destes jornais, cuja história, em pleno século 21, ainda está toda por ser resgatada, contada e analisada. Para isso, propomos uma pesquisa no Acervo de Periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN), considerada pela Unesco uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo, é também a maior biblioteca da América Latina. No prédio da BN, situado no Centro da capital fluminense, está guardado um acervo com cerca de nove milhões de itens⁵, entre livros, jornais, revistas, partituras, documentos, mapas etc., que começou a ser construído em 1808, a partir da chegada e instalação da família real portuguesa ao Rio. Nosso objetivo é analisar os jornais impressos voltados para colônias de imigrantes que integram o Acervo de Periódicos da BN no sentido de verificar em seu conteúdo assuntos representados que favorecem a identidade cultural da

⁵ Fonte site da Biblioteca Nacional: <http://www.bn.br>. Acesso em: maio de 2014.

nacionalidade envolvida e saber se, ainda nos dias de hoje, essa identidade é reconhecida pelos membros da comunidade.

Para isso, propomos uma pesquisa em três etapas: 1) localizar e mapear os jornais de imigrantes que constam no Acervo de Periódicos da BN: quantos são, nacionalidades envolvidas, formatos, títulos e demais itens que remetam a características físicas e editoriais destes veículos; 2) verificar, por meio de uma Análise de Conteúdo quantitativa e qualitativa de dois títulos escolhidos após o mapeamento – *O Lusitano* e *El Correo Gallego*⁶ –, quais os fatores representados que remetem à identidade cultural da nacionalidade envolvida.; e 3) levar essas publicações a comunidades, associações e/ou instituições mobilizadas, consolidadas e reconhecidas de alguma maneira no Rio de Janeiro – no caso foram escolhidas a Casa dos Açores e a Casa de España – a fim de averiguar, por meio de Grupos Focais, se seus membros reconhecem os elementos identitários em suas comunidades ainda no dia de hoje, como e por quê.

2. Os jornais de imigrantes no Acervo de periódicos da BN

Passamos cerca de três meses pesquisando o Acervo de Periódicos da BN em busca dos jornais de imigrantes. A pesquisa, praticamente diária, foi feita em três etapas: 1) títulos digitalizados; 2) títulos microfilmados; e 3) títulos em papel. Como o sistema de busca do Acervo não é indexado, ou seja, não basta digitar no sistema “jornal de imigrantes” para aparecer a lista de todos os títulos, o trabalho de busca foi feito de acordo com a etapa e basicamente manualmente⁷.

O mapeamento nos revelou um total de 397 títulos de jornais imigrantes presentes no Acervo da BN de pelo menos 20 colônias de nacionalidades diferentes⁸. A maior quantidade refere-se à colônia alemã (98 títulos), seguida da italiana (62), da portuguesa (53), da judaica (46), da francesa (32), da japonesa (21), da espanhola (16) e da árabe e sírio-libanesa (13). Só essas oito nacionalidades correspondem a 341 títulos, ou 85% do Acervo. O restante, ou seja, os outros 25% compreendem as colônias, na seguinte ordem: polonesa (6 títulos), chilena (5), angolana e armênia

⁶ *O Lusitano* e *El Correo Gallego* – jornais que circularam no início do século XX, no Rio de Janeiro, voltados para as colônias portuguesa e espanhola, respectivamente, foram escolhidos principalmente: 1) pela compatibilidade de compreensão do idioma entre veículos e a autora dessa pesquisa; 2) ambos contêm número de edições no acervo da BN que proporcionam uma amostra adequada aos objetivos da pesquisa; e 3) ambos se encontram digitalizados, o que facilita o manuseio do conteúdo.

⁷ Os títulos digitalizados foram os mais fáceis de encontrar, uma vez que são em menor quantidade e o próprio sistema já traz todas as informações necessitadas. Com relação aos títulos microfilmados, foi preciso ler toda a lista com os nomes de todos os periódicos que estão em microfilmes (cerca de 15 mil títulos) para encontrarmos os jornais de imigrantes. Em seguida, todos os títulos achados foram analisados em microfilme. A terceira etapa foi a mais complexa, uma vez que seria impossível ler todos os títulos disponíveis em papel que contam no sistema, cerca de 40 mil. Assim, optamos em fazer a pesquisa por palavras chave colocadas no campo de busca do sistema “todos os campos”, como: árabe; italiano(a); Espanha; França; franco; alemã(o); Alemanha; luso(a); Portugal; ibérico(a); britânico(a); Etc.

⁸ No total foram 21 grupos encontrados, sendo que um deles não foi classificado por nacionalidade, e sim por grupo, ao qual chamamos de “colônias de grupo”. Esta denominação se refere a africanos, anglo-falantes, ibéricos e latinos.

(4 títulos cada), coreana e suíça (3 cada), boliviana, húngara, palestina e ucraniana (2 cada), e argentina e mexicana (1 título), além das que categorizamos como “colônias de grupo”, isto é, africana (1 título), anglo-falantes (11 títulos), ibérica (1), e latina (8), totalizando neste item 56 títulos encontrados.

Com relação à localização desses jornais, verifica-se que a grande maioria circulou (ou ainda circula) nas cidades de Rio de Janeiro-RJ, 169 títulos, e São Paulo-SP, 73 (somados, 242 títulos, o que corresponde a 60% do Acervo). Outras cidades também se destacam no quesito quantidade. São elas: Blumenau-SC (25), Porto Alegre-RS (18 títulos), Curitiba-PR (15) e Joinville-SC (7). Nota-se que todas são da região Sul do país. Uma das hipóteses pelas quais elas se destacam é o grande número de jornais voltados para imigrantes alemães verificados no Acervo da BN e que se instalaram majoritariamente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (Blumenau e Joinville, principalmente). Com relação a Curitiba, no Paraná, além dos títulos da colônia alemã, verifica-se periódicos destinados às colônias italiana (1), judaica (1), e polonesa (1); no caso de Porto Alegre, além dos títulos alemães, estão das colônias espanhola (1), italiana (4) e portuguesa (2). As cidades de São Leopoldo e São Bento, ambas no Rio Grande do Sul, também merecem destaque, com dois títulos de jornais alemães cada. Chama-nos a atenção o fato de todas as regiões brasileiras terem sido contempladas com, pelo menos, um título de jornal imigrante. Apesar da liderança das regiões Sudeste e Sul – as mais desenvolvidas e as mais próximas geograficamente do Rio de Janeiro, onde se localiza a BN – verificou-se a existência de títulos em Manaus-AM (1 sírio-libanes, 4 espanhóis, 1 judaica e 1 japonês, totalizando 7), Brasília-DF (2 árabes, 1 húngaro, 1 palestino, 1 judaica), Belém-PA (2 japonês e 1 italiano), Recife-PE (1 alemão e 1 chileno), São Luiz-MA (1 latino), Salvador-BA (1 português), Aracaju-PI (1 africano), João Pessoa-PB (1 anglo-falante) e Natal-RN (1 palestino). Merece destaque ainda o fato de este tipo de periódico ser encontrado não só nas capitais, mas também em cidades do interior, como São Leopoldo-RS (4 alemães), Guarapuava-PR (1 alemão), Urussanga-SC (4 italianos), Ouro Preto-MG (1 italiano) e Ribeirão Preto-SP (1 italiano), por exemplo. Outro fator que merece comentário é que cidades reconhecidas como redutos de imigrantes, por exemplo Petrópolis-RJ, com seu histórico alemão, não apareceu no Acervo com jornais alemães e sim com apenas 1 jornal português.

Sobre o período de circulação destes jornais, verifica-se que a maioria (145 títulos ou 36% do total) foi veiculado entre 1880 e 1920 e 87 títulos (21% do total) circularam entre 1921 e 1960, justamente os períodos conhecidos como “grande corrente migratória” ou “migração em massa”, especialmente de europeus para o Brasil – virada do século e Segunda Guerra⁹. Isso mostra, conforme verificado em estudo anterior (ESCUADERO, 2007), que a imprensa imigrante cresce, se diversifica e tem uma atuação mais relevante e abrangente, pelo menos em números, a partir da

⁹ Os dois períodos somados correspondem a 232 títulos ou 58% do acervo.

chegada, estabelecimento e organização dos grupos de estrangeiros no país. Assim, é possível afirmar que a história da imprensa imigrante, independentemente da localidade territorial, se mistura com a própria história da formação e desenvolvimento sociais migrantistas, num processo natural e simultâneo de reflexão e influência. Anterior a data de 1880 (dos primeiros até 1879), encontramos um total de 60 títulos (15%) e a partir de 1961 até os dias de hoje, um total de 104 periódicos (26%)¹⁰.

O periódico mais antigo localizado é *O Regulador Basílico-Luso*, de 1822, voltado aos portugueses que viviam no Rio de Janeiro, e o mais recente é *Brazil Angola Magazine*, de São Paulo, datado de 2011.

Ainda no que diz respeito especificamente ao Acervo da BN, dos 397 títulos encontrados de jornais de imigrantes, 94 estão digitalizados (23% do acervo de jornais de imigrantes), 117 estão microfilmados (29%) e 186 estão no formato papel. Uma última observação é que há registros e conhecimentos de títulos que não constam no Acervo¹¹.

3. Os jornais escolhidos

Após a localização e identificação desses jornais no Acervo da BN, escolhemos os seguintes títulos para trabalhar de maneira mais profunda:

- *O Lusitano – Orgão da colonia portugueza no Brasil* foi um dos jornais escolhidos para Análise de Conteúdo mais profunda. O Acervo da BN contém nove edições de *O Lusitano*, numa ordem não contínua (ou seja, edições alternadas) e todas elas foram analisadas. A primeira, por exemplo, data de 4 de novembro de 1907 e corresponde à segunda edição lançada pelo jornal; a segunda já data de 16 de maio de 1908 e corresponde à nona edição do periódico; a última localizada é de 24 de junho de 1909 e corresponde a edição de número 4 do quarto ano de circulação do título¹². Pela análise geral de alguns itens impressos, é possível afirmar que o jornal circulou no Rio de Janeiro por, pelo menos, quatro anos – de 1907 a 1909. Era publicado duas vezes por mês e todas as edições continham quatro páginas sendo a última destinada à veiculação de anúncios publicitários. Contou com, pelo menos, três sedes de redações: até a edição de 11 de julho de 1908 (N.12 – ano 2), funcionou na Rua da Alfândega, 174; as edições de 21 e 28 de janeiro e 1909 foram produzidas na Rua 7 de

¹⁰ A quantidade total de periódicos descrita neste parágrafo é de 396 títulos. Conforme tabela, em um dos títulos não foi possível verificar a data de circulação (o alemão Schutzenliesel, de Blumenau-SC).

¹¹ Alguns exemplos: *Musu Lietuva (Nossa Lituânia)*, *Nikkei Shimbun* (japonesa), *Le Nouveau Franc-Parler* (francês), *Jornal Chinês 'Americana'*, *Sunday News* (anglo-falantes) – todos circulavam em São Paulo entre 2005 e 2007 (ESCUDEIRO, 2007).

¹² A partir do ano 4 o jornal voltou a adotar a numeração inicial das edições(1).

Setembro, 165; e, por fim, as últimas duas edições constantes no Acervo da BN trazem como endereço da redação a Rua do Hospício, 178. Dois editores se revezaram na direção do jornal. Augusto Ribeiro da Silva assinou como “redator principal” a primeira edição do Acervo e as edições dos anos 3 e 4 (a partir de 21 de janeiro de 1909 até 24 de junho de 1909); as demais edições tiveram como redator principal Anthero de Vasconcellos. *O Lusitano* sempre foi vendido de forma avulsa (\$ 100) ou por assinatura – Rio de Janeiro: anual (15\$000), semestral (8\$000) ou trimestral (5\$000); outros Estados: anual (20\$000) e semestral (10\$000).

- *El Correo Gallego – Propriedade do Centro Gallego – Semanário independente de interesses gerais (Semanao independiente de itereses generales)*, voltado para os imigrantes da região da Galícia, da Espanha, que vieram para o Brasil. No total, o Acervo da BN conta com 82 edições digitalizadas desse periódico. Como era impossível analisar todas no tempo disponível para pesquisa – como fizemos no caso do título português descrito acima – construímos uma amostra de nove edições¹³ alternadas, de maneira que abrangesse todas as edições arquivadas. Pela análise geral de outros itens impressos na página de *El Correo Gallego*, podemos afirmar que o periódico circulou no Rio de Janeiro entre 7 de novembro de 1903 (data da primeira edição do Acervo que corresponde à quarta edição do jornal), pelo menos, até dezembro de 1905. A periodicidade é semanal e cada edição contém quatro páginas (apenas algumas edições especiais, como as de fim de ano, por exemplo, contam com número maior de páginas; porém, estas se resumem a anúncios publicitários). Até a edição de 26 de agosto de 1905 (N.93 – Ano 3), a redação funcionou na Rua da Constituição, 30/32. A última edição analisada, de 22 de dezembro de 1905 (N.109 – Ano 3) revela mudança na sede da redação, para a R. de Santa Luiza, 58. O jornal contou, durante todo o período de circulação com um único diretor, Antonio de la Cuesta. A exceção foram as edições de N.81 (que não aparece o nome do diretor e sim uma nota avisando que la Cuesta não dirige mais o jornal) e as edições de N.82 ao N.92, dirigidas por Carmelo Seoane. O jornal era vendido em forma de assinatura: anual (9\$000), semestral (5\$000) ou trimestral (2\$500), mensal (1\$000) (pago adiantado) – não contém informações sobre venda avulsa.

Tanto *O Lusitano* como *El Correo Gallego* foram submetidos a uma Análise de Conteúdo qualitativa baseada nos conceitos e indicações de Krippendorf (1990) e Bardin (1977) a fim de verificar quais os itens representados que remetem à identidade cultural da nacionalidade envolvida, além de aprofundar questões editoriais desses veículos (editoria, equipe de produção, tipo de

¹³ Tal número foi escolhido para coincidir com a quantidade de edições analisadas do periódico português.

conteúdo, números de páginas, formato etc.). Segundo esses autores, a proposta aqui é buscar uma lógica a partir de uma perspectiva relativizada, não particular ou única, mas fundamentada na comparação e explicação a fim de revelar as perspectivas e observações sobre forma e conteúdo com foco, extraindo por detrás de seus conteúdos manifestos, conteúdos latentes e contextualizando, em termos da sociedade total, elementos de sentido social. Assim, nossa “Unidade de Registro” contemplou em um protocolo de pesquisa¹⁴ (aplicado a ambos os títulos) todo o conteúdo publicado no periódico, com exceção dos anúncios publicitários.

Foram analisados no total 119 textos do periódico *O Lusitano*, o que resulta média de 13,2 textos por edição. Destes 119, a maioria (30 textos) é sobre a Colônia; em seguida, estão os textos sobre Cultura (29) e sobre Política (23). O tema Variedades teve 18 textos; Editorial, 8, Economia, 6; e Internacional, 5. Nota-se que, no período estudado, assim com o periódico *El Correo Gallego* também analisado neste trabalho, o jornal português não publicou nenhuma informação sobre Esportes ou Ciências, temas recorrentes nas publicações atuais, ainda que voltadas para colônia de imigrantes. O tema Imigração também não apareceu nenhuma vez, como assunto prioritário.

Ainda em *O Lusitano*, todos os textos foram escritos no idioma Português, porém, o falado no Brasil. Apesar de ser a mesma língua e da grafia desta época apresentar diferenças em relação à atual – o que pode dificultar a diferenciação – acreditávamos encontrar, se não a maioria, pelo menos, algum material escrito em “Português de Portugal”. No entanto, isso não ocorreu. Trata-se de uma informação relevante, uma vez que pode mostrar que a identificação dos portugueses que participavam do periódico – ou o conteúdo retratado nele – não passava pelo idioma, tradicionalmente uma referência nos estudos de identidade migratória.

Entre os elementos identitários, encontramos 28. São eles: Associativismo, Família, Religião, Moral, Trabalho, Migração, Espanha, Portugal, Lisboa, Brasil, Rio de Janeiro, Personagens, Música (Fado), Teatro, Literatura, Touradas, Luta e Liberdade Política, Monarquia, República, Patriotismo, Mar/Navegação, Batalha, Saudades, Glórias, Xingamentos, Culinária (Vinho), Alma/Dor e Posição Social (Status).

Pelas páginas de *O Lusitano*, vemos que o imigrante português representado tem um grande amor pelo país natal, apesar do deslocamento. O sentimento de patriotismo é destacado em todo momento, em expressões como “Pátria amada”, “Pátria querida”, “nosso Portugal”, “o amor infinito a nossa Pátria”, entre outras – sendo a pátria “verdadeira” sempre relacionada a Portugal e não ao

¹⁴ A categoria “Texto” descreve o título do texto analisado; a categoria “Pág.” é apenas uma indicação de onde está localizado na edição o texto analisado; a categoria “Tema” foi dividida em duas subcategorias: “Geral” refere-se ao assunto geral do texto (na verdade, espécie de editoria jornalística), já “Específico” descreve detalhadamente sobre do que realmente se trata o texto; a categoria “Idioma” identifica em que língua o texto está escrito”; por fim, a categoria “Elemento Identitário” foi dividida em duas subcategorias: “Identificação”, ou seja, quais elementos identitários estão presentes no texto analisado, e “Descrição”, que reúne trechos transcritos do texto que explicam ou justificam a identificação do elemento identitário.

Brasil, independentemente do tempo de vivência no território de acolhida. Nesse sentido, aparece ainda o aspecto saudosista do imigrante que, mesmo achando o Brasil “o novo mundo”, “a terra da oportunidade”, “terras de glória e encanto”, “uma nação bondosa e hospitaleira”, mantém o ideal de retorno e a nacionalidade lusitana “à flor da pele” ou “a alma dolorida”, como é recorrente aparecer.

Todos esses itens nos remetem ainda outros elementos identitários verificados, como Batalha, Trabalho e Glórias. É comum encontrar nas páginas analisadas, textos que falam da coragem do português em deixar o seu país de origem e aventurar-se em busca de trabalho. Este, por sua vez, é visto como uma das “ações mais importantes do homem”, uma “ádua missão”, “uma luta heroica” ou “dever a ser cumprido”, “um sacrifício”, no sentido de ser nobre, honesto, grande e ser reconhecido por sua glória e esforços.

Toda essa luta “heroica” do imigrante português em seu trabalho no Brasil, bem como o deslocamento e a viagem, aparecem ainda em *O Lusitano* evocando o passado histórico do país, quando as grandes navegações e descobertas pelos mares e oceanos compunham o imaginário (real ou simbólico) de Portugal e seus cidadãos, de um povo corajoso e desbravador. É recorrente descrever o oceano Atlântico como “belo”, “assustador”, “águas gloriosas”, entre outros adjetivos, além de este representar divisa geográfica e real que indica a separação do Brasil e Portugal (“do outro lado do Atlântico”, “para as bandas de cá do oceano”, “além do mar” etc.).

Ainda com relação ao trabalho, é possível indicar a importância deste para ascensão social, aquisição de títulos (conde, barão etc.) e a importância da riqueza e do sucesso profissional para o reconhecimento do português perante seus compatriotas, seja no Brasil ou em Portugal.

A família, a moral e o interesse pela vida alheia também apareceram nas páginas analisadas, demonstrado ao mesmo tempo uma união entre os imigrantes, mas um conservadorismo e uma preocupação com a imagem perante a colônia.

A religião católica e o temor a Deus – expresso em termos como “Deus grande, “fê em Deus”, temei o Poderoso”, “abençoe Deus” etc. –, reforçam essa identidade de “pessoa moralmente correta”, sendo quem ousa a seguir outros caminhos ou a desafiar com ações ou palavras algum membro da colônia, é massacrado não só com críticas, mas com xingamentos, daí outro fator identitário verificado durante a análise de *O Lusitano*. Quem é amigo ou companheiro, recebe sempre um tratamento, em alguns momentos, até mesmo exagerado, como “ilustríssimo amigo”, “amado irmão”, “gentil companheiro”, “figura altamente simpática”, “amigo de generoso coração” etc. Por outro lado, quem não é, precisa contentar-se com termos como “pandego”, “espírito mesquinha”, “ignorante”, “asqueroso”, “crápula”, entre outros.

Verifica-se ainda que tais xingamentos estão relacionados a brigas políticas envolvendo os produtores de *O Lusitano*, o que remete a mais um fator identitário, o engajamento político e o associativismo. Assim como verificado em *El Correo Gallego*, a própria organização dos

imigrantes em entidades e centros, ainda que de caráter cultural, beneficente ou fonte de status, revela participação e luta social. No entanto, outros aspectos políticos aparecem especificamente no periódico português, como a defesa da monarquia como forma de governo, e a posição de ser contrário aos ideais republicanos e liberais.

Nesse contexto, o próprio rei de Portugal D. Manoel aparece como um personagem que compõe o imaginário (real ou simbólico) do imigrante português estabelecido no Brasil. Além dele, Camões, D. Pedro I, Marquez de Pombal, Eça de Queiróz, Ruy Barbosa, Oswaldo Cruz, Arthur Azevedo, entre outros, de diversas áreas, colaboram de certa maneira para formar um quadro de representação do ideal lusitano, por meio de suas biografias e histórias de vida exaltadas.

E, se por um lado, o periódico contribui para o fortalecimento dos laços de amizade e colaboração construídos a partir da nacionalidade entre Brasil e Portugal, Rio de Janeiro e Lisboa, também verifica-se certa identificação com a Espanha, ao mencionar as touradas – típica e historicamente ligadas à cultura espanhola, e a própria nação.

Por fim, aspectos culturais como literatura, teatro e música, especificamente o fado, acabam por servir de fonte de reconhecimento a pertença do grupo, aliado a outros, como a culinária – o periódico publica, por exemplo, “receitas uteis”, de Magdalenas, Melindres, Bolinhhos de Yayá e Biscoito de Ovos – o vinho, bebida típica portuguesa.

Já com relação a *El Correo Gallego* foram analisados no total 113 textos, o que resulta média de 12,5 textos por edição. Destes 113, a maioria (38 textos) é sobre Cultura; em seguida, estão os textos sobre a Colônia (25) e sobre Variedades (24). Os temas Editorial e Internacional tiveram 7 textos cada; Política, 5; Economia, 4; e Migração 3. Nota-se que, no período analisado, o jornal não publicou nenhuma informação sobre Esportes ou Ciências, temas recorrentes nas publicações atuais, ainda que voltadas para colônia de imigrantes.

A maioria dos textos foi escritos no idioma Espanhol – identificamos apenas 4 textos escritos em Galego. Trata-se de um item relevante, uma vez que pode mostrar que a identificação dos galegos que participavam do periódico – ou o conteúdo retratado nele – não passava pelo idioma, tradicionalmente uma referência nos estudos de identidade migratória. No entanto, a partir do momento que aprofundamos a análise, encontramos contradições nesse sentido. Se, por um lado, há o texto *Remembranzas* (publicado na edição 75, Ano III, 08.04.1905, p.1) sobre o livro de poesias lançado pelo poeta galego Don Rogelio Lois, que ressalta o idioma castelhano – “hermosas poesias, escritas em castellano” –, por outro, há a crítica de não se falar o galego, como revela o texto *La Galicia chica* (Edição 75, Ano III, 08.04.1905, p.1): “Allá se habla gallego, socialmente; aqui se castellaniza, mal; pero muy mal”.

Entre os elementos identitários, encontramos 27. São eles: Associativismo, Família, Idioma, Religião, Moral, Educação, Trabalho, Migração, Galícia, Espanha, Portugal, Santiago de

Compostela, Brasil, Rio de Janeiro, América, Regionalismo, Personagens, Música, Dança, Teatro, Literatura, Touradas, Pesca, Patriotismo, Democracia, Protesto / Luta Política e “Ser contra”.

Ao ler as páginas de *El Correo Gallego*, notamos que o imigrante da época, apesar do deslocamento e do “abandono da pátria”, no sentido de “traição” – como muitos ainda hoje são estigmatizados –, tinha o patriotismo e o sentimento de amor pela terra natal exaltado a todo momento, chegando a ser este um dos principais fatores identitários verificados. Expressões como “terriña amada”, “patriotismo gallego”, “nuestra alma española”, “viva España” são recorrentes em várias edições analisadas.

Vale ressaltar que a questão regionalista – muito forte até os dias de hoje em território Espanhol – aparece nas páginas estudadas, ainda que um “sentimento maior”, pela Espanha como um todo, seja enaltecido, como mostramos acima. Além disso, por variadas vezes, notamos que a região da Galícia, especificamente, é descrita como “uma região menor” em relação ao restante do país, ou mesmo renegada e menosprezada.

Outro fator que fica claro ao lermos as páginas de *El Correo Gallego*, como fonte identitária dos imigrantes galegos, é o enaltecimento do “trabalho”, como uma virtude para se garantir uma “vida honrada” – fator que integra a imagem (real ou simbólica) dos imigrantes de qualquer nacionalidade ou época, já que a questão trabalho (“a sonhada busca por uma vida melhor”) compõe a maioria dos projetos migratórios. São recorrentes expressões do tipo “Y al trabajo com alma”, ou “el trabajo es una virtude”. Soma-se no caso galego, a importância da “moral” e de “instrução” (no sentido de Educação) para o reconhecimento da honestidade e dignidade.

Além disso, percebe-se certo preconceito e sentimento de superioridade do imigrante galego com o “povo americano”, em relação ao trabalho, ainda que as relações e os laços de amizade entre Espanha e Brasil, Galícia e Rio de Janeiro, Europa e América sejam ressaltados em diversos textos. Tal percepção pode ser representada no trecho sobre as más condições de viagem às quais são submetidas os imigrantes (na época, vindo nos chamados “vapores”).

Por falar em laços de amizade, verificamos que com relação aos imigrantes galegos, eles não se limitam a Brasil e Espanha¹⁵, mas também a Portugal. Uma “unión ibérica” e o bom relacionamento com “los hermanos portugueses” é defendida constantemente em textos publicados no periódico.

Há ainda que se destacar os recorrentes textos publicados em *El Correo Gallego* sobre eventos culturais em associações de imigrantes portugueses no Rio de Janeiro, como por exemplo, as realizadas pelo *Clube Gymnastico Portugués* ou *Retiro Literário Portugués*. No geral, tratam-se de notícias e informes sobre concertos, saraus, peças de teatro, eleições de diretoria ocorridos nesses

¹⁵ Expressões como “relaciones fraternas entre España y Brasil”, “estrechar los lazos de amistad entre España y el Brasil”, “generosa pátria brasileña”, entre outras do tipo, são comuns.

locais e que costumam ter a participação de algum membro do *Centro Gallego* ou de alguma outra casa espanhola, convidado para tal, revelando não só um associativismo local para além da nacionalidade, como uma identificação com o povo português.

Por ser a região da Galícia uma área costeira, com tradicionais atividades de pesca e navegação, o mar também está presente nas páginas do periódico analisado, como fator identitário, em expressões do tipo “el poderoso mar”, “el rico mar”, “grandioso mar”, “se vem hoy los pescadores de estas costas insultados em sus personas y maltratados (...)”, na menção do famoso navegador galego “Casto Mendes Nuñez” etc. O mesmo ocorre com a religião católica e o seguimento de seus princípios. A proteção de Deus e dos santos, em especial Santiago de Compostela, é evocada em diversos textos e não somente para os imigrantes ou membros da colônia, mas para as pátrias Espanha, Brasil e Portugal e governantes desses países.

A importância da família também é revelada nos mais variados textos analisados. Não só no que se refere à colônia galega estabelecida no Brasil (como uma grande família), mas de sua importância como instituição social e relacionada à moral, dignidade e honra relatadas acima. Ela está presente nos eventos dos centros e associações noticiadas pelo jornal (sempre acompanhada de adjetivos como “preciosa”, “rica”, “afável”, “gentil”, “hermosa”, “feliz” etc.) e ainda nas relações de amizade que unem os membros da colônia – é recorrente tratar algum amigo compatriota como “irmão”. Tal identificação revela a importância do associativismo entre os imigrantes. Aliás, a própria existência do *El Correo Gallego* é prova da existência de laços de união (reais ou simbólicos) construídos a partir da nacionalidade – fator de identificação muito presente nos mais variados processos migratórios. Conforme a análise, vimos que o próprio conteúdo noticiado – a maioria, de caráter associativista – colabora para a construção de uma colônia unida, organizada e que parece ser homogênea, como se, simplesmente o fato de ser galego justificasse as sabidas contradições existentes e naturais em qualquer grupo. Quem ousa discordar dessa união é severamente criticado, indicando outro fator identitário presente no periódico: o engajamento político dos espanhóis. Sua própria organização em entidades e centros, ainda que de caráter cultural ou beneficente, revela participação e luta social. No caso específico de *El Correo Gallego*, soma-se à posição política dos envolvidos: anti-anarquistas, pró-republicanos e a favor da democracia, ainda que defendam a monarquia e seu representantes. Outra identificação verificada e que é muito relacionada ao estereótipo do espanhol até os dias de hoje é o fato de ser um povo contestador, contra tudo.

Além de membros da monarquia – ao mesmo tempo criticado e elogiado nas páginas analisadas –, outros “personagens” espanhóis aparecem no conteúdo analisado, como fonte de identificação. São eles: Santiago de Compostela, Don Quixote de la Mancha e Miguel de Cervantes, a escritora Emilia Pardo Bazán, o poeta Ventura Ruiz Aguilera, entre outros. Aliado a aspectos

culturais, como teatro, literatura, danças e músicas típicas ("valsas y polkas, chotis y habanera y la jota aragonesa") e até touradas, tais itens acabam por servir de fonte de reconhecimento de um grupo. Por fim, uma última observação. Em nenhum momento a culinária espanhola ou galega foi contemplada nas páginas de *El Correo Gallego*, ao contrário do que costuma ser recorrente – o uso dela como fator identitário.

4. A comunidade

Com o objetivo principal de verificar se imigrantes portugueses e espanhóis (galegos) reconhecem os elementos identitários apontados pela Análise de Conteúdo nos dois veículos impressos analisados – *O Lusitano* e *El Correo Gallego* – em suas comunidades ainda nos dias de hoje, como e por quê, a pesquisa contou com a realização de dois Grupos Focais (um para cada nacionalidade). Todos os procedimentos para organização e realização de ambos os grupos foram baseados nos conceitos de GOMES & BARBOSA, 1999 e COSTA, 2011, segundo os quais, em um Grupo Focal, devemos levar questões capazes de instaurar e alimentar o debate entre os participantes, sem que isso equivalha à preocupação com a formação de consensos, mas perceba os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular.

No caso desta pesquisa, os grupos foram formados com integrantes das comunidades envolvidas: membros da Casa dos Açores e da Casa de España. Em ambos, o papel de moderador foi exercido pela própria autora (Camila Escudero), que apresentou aos grupos os jornais analisados, os elementos identitários averiguados e conduziu o debate a partir de temas centrais – solicitando esclarecimento ou aprofundamento de pontos específicos, bem como guiou o grupo para o próximo tópico quando um ponto já foi suficientemente explorado¹⁶.

A Casa dos Açores surgiu por iniciativa do romancista e imigrante açoriano Vitornio Nemésio. O local onde funciona a sede – Avenida Melo Matos, 25, Tijuca – foi adquirido em leilão, graças a uma série de doações, festas e churrascos realizados, e inaugurado oficialmente no dia 24 de abril de 1954. Funciona hoje como um clube sociocultural e esportivo e abriga ainda o Grupo Folclórico Tomás Borba, fundado em 20 de novembro de 1954 e que recebeu este nome em homenagem “a este ilustre açoriano natural de Angra do Heroísmo, que no Conservatório de Música de Lisboa foi um influente e importante personagem”¹⁷. O Grupo Focal com imigrantes portugueses foi realizado no dia 13 de novembro de 2014 e contou com 4 participantes: João Vaz Teixeira, Antonio Hermínio Garcia da Rocha Lopes, Maria Delia Cota Ormonde e Francisco Amaro

¹⁶ Todo o trabalho ocorreu após contato prévio que inclui uma rotina de apresentação, esclarecimentos dos objetivos do estudo e do Grupo Focal, consulta aos participantes sobre a gravação das discussões, importância da participação de todos nos debates, entre outros procedimentos que visavam o bem estar do grupo e participação.

¹⁷ Fonte: <http://casadosacoresrj.com>

Borba Gonçalves – todos nascidos na Ilha Terceira dos Açores, Portugal, e que migraram para o Brasil em meados do século XX.

A Casa de Espanha do Rio de Janeiro foi fundada em 27 de março de 1983, por meio da fusão entre o Clube Espanhol de Rio de Janeiro (fundado em 25 de junho de 1951 com o nome de Centro Español de Rio de Janeiro) e Casa de Galicia (fundada no dia 24 de maio de 1947). Atualmente, funciona como um clube sociocultural e esportivo, que tem, entre seus objetivos, servir de vínculos entre os membros da coletividade espanhola, a fim de manter as características dos costumes, cultura, idioma, arte, folclore, arte e tradição da Espanha¹⁸. Está localizada na rua Maria Eugênia, 300 – Humaitá. O Grupo Focal com imigrantes espanhóis foi realizado no dia 18 de setembro de 2014. Participaram cinco pessoas: Isaac Araújo Fernandes, Angelo Davi, Conceição Esteves Vásques, Purificación Esteves Perez e Manoela Lorenzo Locada – todos nascidos na região da Galícia e que migraram para o Brasil em meados do século XX.

Dos 28 elementos identitários encontrados em *O Lusitano*, 20 foram confirmados pelas falas dos membros do Grupo Focal. São eles: Associativismo, Família, Religião, Moral, Trabalho, Migração, Portugal, Lisboa, Brasil, Rio de Janeiro, Música (Fado), Patriotismo, Mar/Navegação, Batalha, Saudades, Glórias, Xingamentos, Culinária (Vinho), Alma/Dor e Posição Social (Status).

Com relação ao Brasil, registrado no jornal como “a terra da oportunidade” ou “uma nação bondosa e hospitaleira” essa visão se confirma até os dias de hoje. Apesar de se considerarem portugueses, no caso, açorianos, há um carinho e um sentimento de gratidão muito grande à terra de acolhida, conforme as falas:

João: Eu só vi dinheiro no meu bolso nesta terra. Lá nunca.

Francisco: Eu acho que podemos dizer que o Brasil é um país que tem os braços abertos para o mundo inteiro, todas as raças, e recebem as pessoas, independente de cor, religião etc. Isso a gente tem que agradecer a esse país. É realmente admirável a forma como esse país recebe o imigrante e dá oportunidade para todo mundo.

Já com relação a Portugal e a terra que se deixou, não verificamos exatamente um sentimento de amor incondicional, como o impresso nas páginas do periódico “Pátria amada”, “nosso Portugal”, “o amor infinito a nossa Pátria” etc. Há um respeito muito grande pelas tradições herdadas, além de um esforço no sentido de não se perder as raízes. Porém, críticas ao país de origem são mais presentes nas falas.

Antonio: É porque naquela época era muito difícil a vida lá, muito, muito difícil. Era difícil demais. (...) pelo amor de Deus, a gente não tinha uma televisão, não tinha uma geladeira, a maioria não tinha uma casa de banho. (...) A gente trabalhava de sol a sol.

Delia: Eu não tenho vontade de voltar. Aquelas Ilhas evoluíram muito. Para morar hoje lá você tem que ter muito dinheiro. O custo de vida lá é muito alto. Precisa ter uma situação muito boa.

¹⁸ Fonte: <http://www.casadeespanha.com.br>

Francisco: Nem todo mundo tinha oportunidades boas lá. Foi um aperto, principalmente na época do Salazar e as pessoas não tinham conforto, uma vida normal, passava-se necessidade, muita gente necessitada.

Por outro lado, é comum nas histórias de vida dos imigrantes que participaram do estudo o relato de que, mesmo com as dificuldades enfrentadas no país de origem, a ideia inicial era juntar dinheiro no Brasil e voltar com melhores condições. Porém, esse retorno acaba não acontecendo.

Antonio: Eu vim porque, como ele estava dizendo, tinha que servir o exército, tinham aquelas guerras ultramar naquela época, e eu queria fugir do exército. Eu tinha um emprego muito bom lá, meu patrão era muito bom, foi o único que eu tive lá, mas ele mesmo me incentivou, e disse: “Vai e depois você volta”. Mas o depois você volta, não volta mais.

João: Eu já tinha falado com o meu pai, ele falou tá bem, tá bem, e eu imigrei, fui cuidar da minha vida. E eu estava namorando a mulher que eu vivo hoje, aí eu disse a ela: “eu vou ao Brasil, por uns cinco ou seis anos, se você entender que vale esperar por mim você espera, se não entender, você arruma um namorado, se arruma que eu arrumo minha vida também”. E ela disse: “não senhor, vou esperar por você também”.

Francisco: Aí, tive um problema de saúde, não me adaptei ao clima daqui e voltei em menos de um ano. Aí eu aproveitei e fiz o curso noturno lá, em contabilidade e administração, e ingressei lá no serviço com meus pais, que eram fabricantes de balas, essas coisas, mas eu acabei optando por trabalhar fora mais tarde. Então fui trabalhar no comércio em Angra do Heroísmo, que é a capital do grupo central dos Açores. Aí já vem a história do cupido. Eu conheci uma moça que era filha de açorianos, morava no Brasil e que estava lá visitando os parentes, propriamente a avó e o tio. Aí nasceu uma amizade forte e eu acabei vindo para cá, mas dessa vez eu vim para cá com outro objetivo, para ficar, para casar.

Todos os participantes retornaram a Portugal após a fixação no Brasil. No entanto, essa volta foi para rever parentes e amigos e “matar as saudades”. Mas o que fica claro é que a terra que eles encontraram não é a mesma que deixaram. Além disso, percebe-se o sentimento de que não há mais lugar para eles lá, porque depois de tanto tempo, ainda que não sejam brasileiros, também não são mais portugueses.

Antonio: E tem outra coisa, a gente volta lá, eu você, ele, você não tem nome. Você é filho de fulano que já morreu faz tempo. Você é conhecido pela família, pelo teu pai e pela tua mãe. Ninguém sabe quem você é. Você não conhece mais ninguém. E os mais antigos também já não te conhecem (...) Nós que estamos aqui, temos toda liberdade. Hoje estamos aqui, amanhã vamos para São Paulo, Manaus etc. Qualquer lugar. Se vai para minha terra, é isso aqui. É mar em volta, tudo, não tem nada. Ir para passear, para ver a família tudo bem, mas voltar não dá. (...) Mudou tudo.

Francisco: É, não lembram mais da gente. (...) Aquela palavra saudade que só existe na Língua Portuguesa, da família, dos irmãos, da infância. Aí fica sempre com a imagem da infância e parece que a gente está sempre naquela época. Há sempre a raiz da infância. Há uma nostalgia, mas mudou.

Vale destacar que as falas “a gente volta lá, eu você, ele, você não tem nome” ou “Ninguém sabe quem você é”. “Não lembram mais da gente” remetem ainda a um outro elemento identitário verificado em *O Lusitano*, o de que o português dá importância ao status. Aqui, eles frequentam a

Casa dos Açores, são conhecidos, respeitados – até mesmo por serem mais velhos e por sua história de vida – mas lá, quando eles voltam, não há esse reconhecimento.

Francisco: Havia, sim, uma espécie de disputa entre os imigrantes. Todo mundo queria, com seu trabalho, vencer na vida. E esse vencer exatamente aparecia com aquilo que ele conseguia. Um negócio, comprava um carro, um apartamento, e isso aí era discutido. As pessoas tinham orgulho de dizer: “Olha, comprei um carro”, “comprei um apartamento”.

João: E a minha vida foi assim, a gente foi trabalhando, foi juntando alguma coisa, hoje não juntei muito, mas dá para viver bem mais a mulher. (...) E a minha vida foi assim, eu ajudei muita gente. Uns conseguiram alguma coisa, outros não conseguiram.

Como já ficou claro nas falas transcritas acima, o trabalho – outro elemento identitário verificado no periódico – é constantemente reforçado como parte da identidade do imigrante, afinal, como diz Delia: “Todo imigrante vinha para trabalhar”. Trata-se, realmente, de uma característica nobre, um “sacrifício necessário” para conseguir vencer na vida. No entanto, esse “vencer” pode ou não remeter aos relatos de batalhas e clórias, que localizamos no periódico, relacionados à coragem do português em enfrentar desafios e/ou deixar o seu país de origem e aventurar-se em busca de trabalho, apesar de o mar e o oceano serem mencionados em diversas ocasiões e, portanto, ainda presente. Nesse sentido, é ilustrativa a conversa abaixo:

Antonio: Para nós essa ideia de que o português é aventureiro, desbrava os mares, não tem.

Francisco: Temos um orgulho da nossa história, de ter contribuído muito com as navegações, os descobrimentos. Principalmente nas ilhas Graciosas e Picos e todas as ilhas dos Açores há muito a indústria baleeira, que é onde se via, realmente, os homens de coragem, que são os heróis do mar daquela época, principalmente da Ilha dos Picos. E eles enfrentavam a baleia em canoas pequenas, e muita gente virou a canoa, e muita gente morreu. Era tudo manual.

Delia: É, mas tem muitos açorianos nos Estados Unidos e Canadá. Eles se aventuraram para lá e venceram com o trabalho.

Francisco: Eu tenho uma história um pouco diferente. Eu vim como imigrante à moda antiga, e depois vim como imigrante, já numa outra época que era bem mais suave. Mas a primeira vez eu vim com 15 anos para fugir do serviço militar, por causa de guerra de Angola.

João: São uns covardes [apontando para Antonio e Francisco]. (...) Fui corajoso. Servi o exército lá, muitos tinham medo do exército, mas serviu de lição para mim, servi o exército lá e vim para cá, dando umas cabeçadas ali e aqui, mas fui juntando meu dinheirinho, sempre muito econômico, não gastava, só se trabalhava.

Francisco: Era a lei. Havia a lei que permitia que viéssemos para cá, desde que tivéssemos uma carta de chamado.

(...)

João: O peixe lá é criado em água brava, em mar bravo.

Francisco: Sim, mar aberto, não tem poluição.

Antonio: É o Oceano Atlântico.

Assim como nas páginas de *O Lusitano*, a família, a moral e o interesse pela vida alheia também apareceram nas falas dos imigrantes, demonstrado ao mesmo tempo uma união entre os imigrantes, mas um conservadorismo e uma preocupação com a imagem perante a colônia.

João: Família é muito importante.

Delia: Sim, claro. A família é a base. A família é o alicerce.

Francisco: Há uma preocupação muito grande em educar os filhos dentro das normas universais entre a comunidade. E também havia aquela preocupação de não falarem mal da família.

João: Tinha que falar sempre bem.

Francisco: Não, ninguém podia falar mal da minha família, tinha só que falar bem. Havia preocupação com o preconceito, o que as pessoas vão falar, principalmente entre os conterrâneos. Entre a comunidade havia essa preocupação de sermos bons, honestos, bem educados, para ninguém ter o que falar.

Antonio: Isso é verdade.

Delia: Quer ver a importância da família? Meu marido morreu e meu filho quando casou, você acredita, que ele foi na sepultura do pai no dia do casamento, sozinho, de manhã, ver o pai dele, para você ver o que é o sentimento pela família. No dia do casamento, de manhã, saiu para cortar cabelo, se arrumar e foi lá sozinho, botar flores. E eu descobri depois porque eu fui lá depois com a irmã do meu marido que estava aqui do Canadá e disse: “Gente, nessa sepultura só vem eu e meu filho, como isso está aqui?”. Aí quando voltou de lua de mel, estava num jantar e eu ainda estava com visitas de fora, e quando tive uma chance com ele sozinha disse: “Escuta, você teve no cemitério?”. “Sim, mãe. Você reclamou que eu estava demorando, que o almoço estava na mesa, que todo mundo estava com fome, mas eu estava no cemitério”. Agora me diz: o que ele foi fazer lá no dia do casamento? O sentimento pela família fala mais alto.

João: Mas eu tive três filhos e eu não tive quem desse para mim o que eu dei para eles. Dei um diploma para cada um deles para se defender em qualquer momento que chegue. São meus amigos. Se preocupam comigo. Graças a Deus não precisam de mim e eu não preciso deles, mas dei o diploma.

Delia: Mas eu acho que o diploma que os nossos pais nos deram lá nas Ilhas, que foi nossa educação, é muito mais valioso. Nos ensinaram a ser homens e mulheres de bem.

Francisco: A gente gosta muito da família, sem dúvida.

Aliás, justamente os elementos Alma/Dor e Saudade verificados no periódico aparecem nas falas com relação à família.

João: Quando a gente chega dá um baque, porque a gente não conhece nada, ninguém. Dá uma dor na alma.

Francisco: Eram problemas com a adaptação.

Delia: E outra, vocês eram homens que não faziam nada, a mãe fazia tudo, então sente mais a falta da família porque não tem ninguém para fazer a comida, lavar, falta da mãe. Acho que o primeiro impacto foi a falta da família. Dá muita saudades.

A religião católica ainda é preservada. Não só nas menções do tipo “Graças a Deus” ou “Deus foi muito bom comigo”, mas na prática constante do catolicismo e mesmo na preservação das tradições, como o caso da Festa do Divino Espírito Santo, celebrada com toda pompa e alegria pelos portugueses e suas irmandades até os dias de hoje.

Antonio: Somos todos católicos (...) 99% dos portugueses são católicos.

Francisco: Somos católicos e ainda contribuimos aqui no Brasil com uma tradição em vários estados, que é a Festa do Divino, que são oriundas dos Açores. Quer dizer, a origem é no continente, mas quem manteve para valer, foram os açorianos. (...) Temos muita coisa relacionada à Festa do Divino.

João: Ela é cantora. (...) Vou na missa, escuto e falo: “Dona Delia está aí”.

Delia: Eu canto no coral, ainda hoje teve ensaio. Mas eu vou muito à igreja, vou na dos Capuchinhos, se eu vou mais cedo, depois vou na de São Francisco Xavier, e às vezes num domingo vou em várias.

A Festa do Divino, aliás, é muito forte para o outro elemento identitário encontrado no jornal, o Associativismo. O próprio fato de os imigrantes ainda manterem a Casa dos Açores, criada na década de 50, já revela essa vida comunitária. Entretanto, as cartas de chamado e a ajuda que havia entre os imigrantes, especialmente, quando se chegava, são constantes e enaltecidos nos relatos ouvidos.

Antonio: O imigrante português daquela época é igual aos chineses hoje dessas casas de suco, pastel. Vem um ou dois chineses de lá, montam o negócio, chamam outros dois para virem e tomarem conta e aí monta outro negócio e chama mais gente e vai comprar outra loja.

Delia: E a gente ia para a praça Saens Peña que era lá que ficavam os imigrantes que chegavam e queriam trabalhar. Então ia buscar empregados lá.

Antonio: É ficava tudo na Saens Peña, rodando a praça, conversando, tomando um café, sentado no chão.

Francisco: Era o ponto de encontro dos imigrantes. (...) Você se vê tendo que cuidar de tudo, trabalhar, dos trabalhos domésticos, da comida, do vestuário. Apesar que de vez em quando alguns parentes ajudavam. Dava umas dicas. Mas a pessoa era obrigada a se virar, como se diz aqui. E se a pessoa tem saúde e um bom emprego, muitas vezes o próprio patrão começa a ajudar, a dar uma oportunidade a esse imigrante, que é conhecido ou parente geralmente. E depois de anos, de muito trabalho, ele acaba virando sócio desse negócio e aí começa a melhorar.

Com relação à manutenção das tradições e a dificuldade de se manter a comunidade unida, há as falas:

Francisco: Além daqui, do clube, que é o principal clube da comunidade açoriana, nós temos representação, em termos de região, que são as Irmandades do Divino Espírito Santo. Já houve mais, que muitas foram extintas, mas hoje nós temos a Irmandade da Vila Isabel, temos irmandade em Niterói, aqui no Catumbi e outras, onde os açorianos ainda têm influência na manutenção dessas tradições. Atualmente são seis irmandades.

João: Alguns dos nossos filhos participam dos eventos, alguns...

Antonio: Já foi bem mais.

Francisco: É, alguns, mas esses alguns, pode-se dizer, que é que estão mantendo as tradições açorianas e portuguesas no Rio de Janeiro. A eles nós devemos isso e a alguns brasileiros também que participam bastante.

Delia: É com dificuldade, mas mantemos.

Antonio: Porque desde 70 para cá, não vem mais ninguém para cá, um ou outro.

Francisco: A gente hoje deve essa boa vontade aos nossos descendentes de estar mantendo as tradições porque evidentemente a imigração diminuiu quase a zero.

Vale ressaltar que, apesar de verificada uma amizade forte entre eles e um grande sentimento de gratidão (como o de Antonio para com João: “O primeiro lugar que eu fiquei foi no açougue desse moço [aponta para o João] no chão”), não há tratamentos do tipo: “ilustríssimo”, “grandioso”, “nobre”, “distinto” etc. como verificados no jornal. Com relação aos xingamentos, só

pelo jeito dos membros dos grupos falarem – tanto em quantidade como termos utilizados – este também se confirmou, ainda que seja utilizado com um sentido “carinhoso”.

A cidade de Lisboa é citada apenas como passagem na vinda dos Açores para o Brasil e com relação ao fato de ser a cidade mais desenvolvida de Portugal, porém, ainda se revela presente na memória do grupo:

Delia: E outra coisa: filho, você bota o filho para estudar, e depois ele tem que ir a Lisboa, a São Miguel e um pai para manter hoje um filho estudando em Lisboa não é fácil, tem que pagar tudo: estudo, moradia, a sustentação dele e tudo. Chega o seu filho de volta, formado, e cadê o emprego? Não tem.

Já o Rio de Janeiro, claro, aparece por ser a cidade em que eles se estabeleceram, então, a todo momento são mencionados pontos da cidade, como praças, igrejas, bairros etc., assim como em *O Lusitano*.

Por fim, com relação aos aspectos culturais, apenas o fado e a culinária aparecem. Nesse sentido, a conversa abaixo é ilustrativa:

Delia: o bacalhau hoje sim é usado mundialmente como comida portuguesa, vamos dizer assim, mas na nossa Ilha, mais era carne mesmo (...). O bacalhau é mais no continente.

João: Eu adoro bife, batata frita, arroz e feijão. É o melhor prato.

Francisco: A propósito, pode colocar carne e depois porco. Nem todo mundo tinha acesso à carne de vaca, porque havia as matanças, que as pessoas criavam um porquinho perto de casa, para aproveitar os restos de comida etc. Então era mais a carne de porco. A carne de vaca nem todo mundo tinha acesso, principalmente, no interior.

Antonio: E tinha o peixe também.

(...)

Francisco: Fomos criados com fado. Faz parte da nossa criação.

João: Eu gosto muito de escutar fado. Às vezes eu ligo o rádio, deito, e fico escutando.

Antonio: Eu gosto também.

Delia: Eu gosto de escutar e gosto de cantar também.

Com relação aos elementos identitários verificados em *O Lusitano* que não foram confirmados pelo grupo, temos: Espanha, Personagens, Teatro, Literatura, Touradas, Luta e Liberdade Política, Monarquia, República,

Sobre a Luta e Liberdade Política, Monarquia e República, com exceção de uma citação ao governo de Salazar para justificar as dificuldades no país de origem, feita pelo Sr. Francisco, esse engajamento político não se confirmou. Também não foram citados, em nenhum momento, alguma relação com a Espanha ou cultura espanhola (como as touradas), bem como os personagens que apareceram no periódico. A exceção foi Camões, mencionado pela moderada, propositadamente. Porém, a resposta foi:

Antonio: Não lemos Camões. (...) Lemos no primário, no máximo.

Delia: Camões a gente estudou na escola. Depois nunca mais.

Teatro e Literatura também não foram sequer mencionados.

Já com relação aos imigrantes espanhóis, dos 27 elementos identitários encontrados em *El Correo Gallego*, 17 se confirmaram. São eles: Associativismo, Família, Idioma, Religião, Moral, Educação, Trabalho, Migração, Galícia, Espanha, Brasil, Rio de Janeiro, Música, Dança, Patriotismo, Pesca e “Ser contra”.

Notamos pelas discussões durante o Grupo Focal que os imigrantes espanhóis que participaram, de uma maneira geral, têm um sentimento de carinho pelo Brasil, porém, ainda estimam muito a Espanha e a Galícia, em especial no que diz respeito às tradições. E ainda com relação ao território de acolhida, vemos principalmente que as características locais (como a própria cidade do Rio de Janeiro) são exaltadas e comparadas às dificuldades vividas lá. Para ilustrar esse argumento, reproduzimos a conversa abaixo:

Manoela: Escolhi o Brasil porque tinha um tio que morava aqui e falava muito bem. E lá a situação era muito ruim. E diziam que aqui comiam muita banana.

Isaac: O clima aqui é muito bom.

Purificación: Sim, lá era muito, muito frio.

Manoela: Era fim da guerra, então lá a gente tinha que plantar tudo, batata, milho, verduras... A gente só comprava azeite, açúcar. O resto tinha que vir tudo das nossas mãos.

Purificación: A gente tinha que comprar, mas dinheiro que era bom, nada...

Manoela: Se na época, chovesse ou viesse uma nevada bem na época da colheita, queimava tudo. Resultado: passava-se fome.

(...)

Conceição: Eu vou dizer: eu casei aqui, minhas filhas nasceram aqui e hoje elas moram na Espanha.

Purificación: Nós somos duas irmãs casadas com dois irmãos. (...) Nós estamos aqui há mais de 50 anos. Aí às vezes eu me pergunto, porque a minha filha que é brasileira, tem nacionalidade espanhola, mas é brasileira, nasceu aqui, conheci meu marido aqui, e eu tenho mais tempo de Brasil que de Espanha, lá eu vivi 18 anos e aqui 52, e eu não sei se é por causa da raiz, lá a gente nunca esquece. É o lugar que eu nasci. Está aqui dentro (coloca a mão no coração). Os meus filhos já foram lá, já conheceram o lugar que eu nasci. Não tinha televisão, não tinha telefone.

Conceição: Tenho duas filhas brasileiras, vivo aqui há mais de 50 anos, seria besteira falar que não gosto daqui. Mas amo minha terra.

Manoela: Eu amo minha terra, ela lá e eu aqui.

Vale ressaltar que é o Brasil que aparece como terra de acolhida e não a América, como verificado no jornal analisado e incluído na lista dos elementos identitários encontrados. A questão do trabalho, como esperada, foi revelada como um fator identitário de fundamental importância, uma vez que, como diz Purificación “Tudo que é imigrante veio para cá trabalhar”.

Manoela: Eu vim. Fugindo da miséria da Espanha. Lá trabalhava na terra. (...) O pai do meu marido prometia dar-lhe terras para plantar batatas, prometia, mas não dava nada. Ele tinha que trabalhar para ajudar na casa, criar filhos dos outros. E ele dizia: “Papai, temos que dar um jeito nessa terra, porque a gente não aguenta mais, é muita terra”. O pai respondia: “não, não podemos”. E ele disse: “então está bom. Eu não vou casar e trazer minha mulher aqui para ela não ser nada na vida e passar necessidade”.

Purificación: Ele teve uma atitude bonita. Porque se não ela ia trabalhar como escrava a vida toda para a família (...) Acho que tudo que é imigrante veio para cá trabalhar.

Conceição: A gente ajudava minha mãe. Minha mãe lavava roupa para fora e a gente costurava camisas para uma fábrica. (...) Aqui eu vim para cá trabalhar em casa de família.

Purificación: Então, naquele tempo, pagava-se muito bem quem era portuguesa e espanhola para trabalhar em casa de família. A gente via o anúncio no jornal. Anúncios de empregada, de babá para quem era portuguesa ou espanhola. Eu trabalhei numa casa na avenida Atlântica, 2016. Foi muito bom (...) Eu era governanta.

Isaac: Quando eu vim para cá eu trabalhava fazendo serviços de pedreiro e ferreiro

Angelo: Eu trabalhei em muito coisa, como pedreiro e tocava instrumentos, em grupos, orquestras.

Percebe-se ainda que o plano de imigração é sempre ficar no Brasil por um tempo, juntar dinheiro e poder voltar e ter uma vida mais “digna” ou “confortável”.

Isaac: eu voltei depois de 23 anos. Eu voltei depois que tinha condições de pagar passagem... Mas eu vim pensando em voltar.

Purificación: Na verdade a intenção de todos era vir, juntar dinheiro, e voltar. (...) Era para eu voltar. Mas aí olha o que aconteceu: como eu tinha 18 ano, na Espanha só é de maior quem tem 21, então eu tinha muitas saudades de lá, pela comida, pelo idioma, por tudo. Aí eu meti na cabeça assim: eu vou trabalhar e eu vou voltar. Então quando me empreguei nessa casa de judeu, aí eu trabalhei sete anos lá, criei duas meninas e nunca tinha pegado nem criança na minha mão. Eu pensei assim eu vou casar com um espanhol que vai me levar de volta para lá e nunca voltou. Quando foi com seis anos que eu estava trabalhando, um dia ela [a patroa] falou assim: “Purita, eu vou fazer uma viagem para a Europa, você quer vir com a gente?” Eu pensei: pronto! Chegou a minha vez!

Com relação à moral, ficou claro que os espanhóis valorizam “os bons costumes e condutas”, além de um conservadorismo bastante presente (talvez acentuado neste caso por conta da idade dos participantes do Grupo Focal). Nesse sentido, é ilustrativo o exemplo do sr. Angelo, que deixou a esposa grávida quando imigrou para o Brasil, mas depois voltou para buscá-la.

Purificación [falando para Angelo]: Mas depois de um ano e pouco, que tua filha tinha dois anos, que você mandou chamar a tua esposa com tua filha, Maria Dolores.

Angelo: Eu tinha que cumprir minha palavra.

Manoela: Gostei do que escutei agora.

O associativismo se faz presente nas falas dos imigrantes espanhóis, principalmente, com relação à carta de chamado e para ajudar a enfrentar as dificuldades da época da chegada. Hoje, porém, parece se fazer presente apenas como celebração das tradições e cultura.

Conceição: Nós conhecíamos gente no navio. Mas amigos não tínhamos porque quando chegava dispersava. Conhecíamos só os parentes mesmos que estavam aqui.

Purificación: Aí a gente ia para alguns centros de espanhóis, tinha a Casa da Galícia, onde tinha reuniões, festas... E eram nesses lugares que a gente conhecia outros amigos, namorados, paqueras... Íamos na Praça Paris. Tinha uma ação

católica que, para quem tinha família aqui, não pagava nada para vir. Então muitos vinham.

Conceição: Era a Reclamação

Isaac: Carta de chamado também.

A religião (especificamente o catolicismo) é confirmada como elemento identitário e aparece como em expressões “Graças a Deus”, “Eu rezava e pedia a Deus” etc., entretanto, elementos religiosos que remetem a Santiago de Compostela (capital da Galícia e apontado no jornal como elemento identitário), não se verificou. O curioso é que a religião foi relacionada à culinária, que não apareceu em *El Correo Gallego*.

Conceição: Roscón se faz muito na Páscoa. É tipo uma rosca.

Purificación: Quando a pessoa tem um afilhado, o presente que a madrinha tem que dar para o afilhado é essa rosca, que chama Roscón.

E ainda com relação à culinária, essa se mostrou muito presente no grupo, bem como o vinho, e evocando outro elemento identitário localizado: a pesca, já que frutos do mar compõem o principal ingrediente dos pratos galegos. Nesse sentido, a conversa abaixo é ilustrativa.

Purificación: Ah, fazemos muita comida típica de lá. Empanadas, Cozido galego, tortillas, paellas, grão de bico.

Conceição: é um tipo uma feijoada, só que com grão de bico, se chama Callos, vai linguiça, choriço, temperos. Comemos também muito peixe. Adoro peixe. Mas também faço arroz e feijão.

Manoela: Olha, eu faço um polvo, que é da minha terra. É um polvo feito num tipo de prato de madeira, usamos também panelas de cobre. Chama Polvo à Feira, eu faço para duas ou três pessoas, faço com pimento espanhol, coloral espanhol e muito azeite. E o resto é pão com vinho. Hum! Chega! Pronto! É uma delícia!

Conceição: É tem os pimentos de padrón.

Isaac: Em casa eu como comida brasileira. Minha esposa é brasileira. Eu não cozinho e ela não sabe fazer comida espanhola. Mas eu gosto de arroz com polvo, mariscos.

(...)

Angelo: Eu como muito peixe e gosto muito de polvo, de vinho. Eu faço vinho em casa, a gente bebe. Todo dia, um pouquinho.

Isaac: Eu gosto de vinho

Manoela: Sim, gostamos muito de vinho. Eu tomo vinho que faço na hora. Compro a uva e bato no liquidificador, passo pelo coador e tomo todo dia um pouquinho. O médico falou que é bom para articulação. Bato com água.

Purificación: Eu não bebo não. Não é porque não gosto, mas é porque não me faz bem.

A importância da família também aparece nos mais variados momentos, porém, sempre relacionada a um dever, uma obrigação e, às vezes, um fardo – seja por se gostar muito ou por ter problemas.

Conceição: Meu pai estava aqui com meu irmão mais velho. Meu pai veio primeiro, depois veio minha mãe e nós e mais uma irmã.

Purificación: Meu pai era muito bravo. Não deixava a gente fazer nada. (...) Mas a gente respeitava, tinha que obedecer.

Isaac: A saudade da família é muito grande. Nunca se esquece.

Com relação ao retorno à terra de origem, todos, em algum momento da vida, voltaram para passear, rever familiares ou resolver problemas, porém, são enfáticos em dizer que a Galícia que eles deixaram não foi a mesma que encontraram.

Purificación: Pois é, só que ela [a patroa] ia para a Suíça, Inglaterra, Itália, e todo lugar, Israel... Aí eu disse a ela: vamos fazer o seguinte. A mim não me interessa todos esses lugares, só interessa a Espanha. Então eu fico aqui com as crianças, a senhora passeia com seu marido à vontade e quando estiver na Espanha a senhora me dá 20 dias de folga para eu ir lá na minha terra ver e relembrar o que eu tinha deixado há anos atrás. Aí eu fui com as meninas, de Madri elas foram com a avó e eu fiquei na Espanha 20 dias. Só que aquilo que eu havia deixado, inclusive os amigos, já estava tudo diferente. Naquela época já se andava de moto na garupa, na minha época não tinha nada disso, estava tudo modificado. Já tudo mais moderno. Eu estava pensando que estava tudo do jeito que eu deixei, tudo humilde, mas não. Estava tudo modernizado. Aí eu já estava namorando meu marido, aí eu voltei.

Conceição: Eu voltei. Em 1970... Eu trabalhava em uma casa que tinha uma menina de 10 anos e um menino de 9. Então era a primeira vez que eles iam para a Europa. Os pais já viajavam, mas era a primeira vez que iam levar os filhos. E me levaram também. Só que eu fui com a condição de ir uma semana antes para visitar uma irmã mais velha que ainda mora lá. (...) E eles me deixaram ir e depois eu encontrei com eles em Madri e depois de Madri eu corri a Europa toda com eles. Só que quando eu voltei não achei que mudou tanto como a minha irmã disse. Só que me deu muitas saudades. Porque eu realmente demorei a me acostumar aqui. Eu chorei muito, muito, muito, quando cheguei.

Isaac: Voltei depois de 18 anos. Fui visitar a família, já tinha família aqui, mas tinha lá. Eu tinha trabalho, graças a Deus, trabalhava...

Purificación: Aquele tempo tinha trabalho para todo mundo.

Isaac: Era difícil. Sustentar a família e aquele tempo tinha inflação, até tinha vontade de voltar, mas não dava. Porque a inflação aqui era demais. Mas fiquei. Até hoje estamos aí. Só que quando eu voltei, o lugar era muito diferente, claro, muito diferente. Tudo diferente. Era um outro lugar.

Angelo: Eu voltei depois de 17 anos. Toda a família que eu deixei lá estava lá. Meu pai, minha mãe, meus irmãos, meus primos, tudo. Então eu ia numa casa e depois noutra casa, e noutra... Mas tudo estava bem melhor.

O perfil de “Ser contra”, não foi mencionado explicitamente pelo grupo, porém fica claro pelo posicionamento dos membros do grupo sobre alguns tópicos revelados na conversa. O engajamento político, por sua vez – revelados no jornal pelos elementos identitários Democracia, Protesto / Luta Política –, não aparece implicitamente nas falas dos imigrantes. Porém, quando perguntado, propositadamente, pela mediadora, foi reconhecido.

Conceição: O espanhol é muito teimoso, muito bravo. (...) É orgulhoso também. E se mete a discutir política, é engajado.

Purificación: Sim, sim. É teimoso e muito bravo, bravo. O meu marido é. Gosta de participar.

Nenhum personagem espanhol apareceu, bem como não houve referências a touradas, teatro e literatura – elementos constantes em *El Correo Gallego*. E, assim como nas páginas analisadas, a

música foi muito comentada, reforçada pelo fato de um dos integrantes do grupo ser músico profissional.

Conceição: Ah, escutamos música galega.

Purificación: É o folclore lá da Galícia. E depois tem as espanholas, como Julio Iglesias, Manolo Otero, Paso Doble, rumba...

[Manoela e conceição começam a cantar uma música em espanhol]

Purificación: Tem a música do imigrante também que mexe muito com a gente.

Isaac: Escuto toda música, samba...

Angelo: gosto de música brasileira, espanhola, todo tipo. Sou músico. Sempre toquei em orquestra...

Purificación: Ele tem um CD gravado!

Angelo: Nesse CD tem música espanhola, Paso Doble. A orquestra que eu tocava chamava-se Alegria de España.

Manoela: O meu marido toca pandero.

Purificación: pandereta, isso.

Conceição: E tem a gaita galega, muito famosa.

Purificación: E tem as castanholas também. Aqui temos músicas galegas, em festas no Dia das mães, por exemplo, tem os gaiteiros.

O idioma é revalado no sotaque próprio dos integrantes do grupo – a fala deles mistura muito a Língua Espanhola e a Língua Portuguesa. No entanto, ao contrário do que se esperava, é o Espanhol que se sobressai e não o Galego, assim como verificado no jornal analisado.

Purificación: Eu falava espanhol...

Conceição: Era misturado. Quando a gente veio para cá falava o galego e o espanhol misturado.

Angelo: Eu falava galego e também espanhol.

A questão regionalista, como notada no periódico não aparece nas falas – tudo é Espanha – e não há um sentimento de inferioridade com relação à Galícia ou maior identificação com Portugal, como também aparece nas páginas estudadas. Por fim, a importância da educação (no sentido de instrução e conhecimento) para o reconhecimento da honestidade e dignidade não se mostrou muito presente, levando-nos a crer que essa se dá pelo trabalho, comentado anteriormente.

Considerações finais

Sobre as características gerais dos títulos de imprensa imigrante guardados no Acervo de Periódicos da BN, não foi feita uma análise mais profunda – e nem era esse o objetivo do presente estudo. No entanto, podemos ressaltar algumas impressões obtidas apenas pela leitura rápida da maioria dos títulos que julgamos pertinentes para o tema:

1. Não é possível precisar a data exata de quando os jornais para imigrantes surgiram no Brasil pelo Acervo da BN, já que as datas citadas no mapeamento referem-se à data da primeira edição constante no Acervo que, não é necessariamente, a data da primeira edição de tal veículo. No entanto, fica claro que a aparição destes jornais está relacionada às necessidades e ideias que se criam dentro da comunidade à qual a publicação está inserida. Estas

necessidades correspondem, entre outros aspectos, à identificação social, à busca pela informação, à quebra do isolamento e ao contato com a sociedade de adoção, à sobrevivência na nova terra e à preservação e manutenção de tradições e culturas próprias. Além disso, essa questão envolve a capacidade de mobilização de determinado grupo, bem como os níveis de desenvolvimento econômico – o que acaba implicando no acesso aos meios físicos e técnicos de impressão e circulação característicos de qualquer tipo de imprensa – e de liberdade encontrados na localidade receptora.

2. Muitos dos títulos verificados são escritos em língua vernácula ou bilíngues (idioma original da colônia + português). Especificamente na ocasião dos primeiros jornais encontrados, tal característica remete à necessidade dos envolvidos (comentada anteriormente), uma vez que alguns grupos não tinham o conhecimento da língua do novo território; para os jornais de uma fase mais atual, tal questão está majoritariamente ligada ao idioma como meio de identificação e reconhecimento.
3. Por vezes, as iniciativas de criação de uma publicação voltada para imigrantes não nasce da colônia e/ou comunidade, mas são desencadeadas e mantidas por interesses econômicos, políticos e ideológicos, dando origem a periódicos que são verdadeiros empreendimentos comerciais que ressaltam a causa migrantista como um segmento de mercado, de alguma maneira rentável (financeira ou politicamente, no aspecto da influência, do prestígio ou do status) a seus produtores.
4. Por fim, com tantas diferenças culturais, econômicas, sociais e ideológicas envolvendo, não só as colônias, mas as localidades e períodos, não é possível fixar um modelo único de publicações voltadas para imigrantes. Há registros desde revistas e jornais ou simplesmente boletins e *newsletters* feitos por empresas jornalísticas de pequeno e médio porte, de caráter rudimentar ou alta qualidade de impressão. Existem os de circulação restrita à colônia, com tiragens ínfimas, e os que chegavam a outros Estados brasileiros e até a outros países, em especial, da América Latina, com número grande de exemplares. Os redigidos em linguagem popular e os que preferiam um estilo um pouco mais erudito. Os diários, semanários, mensais, bimestrais, número único... Enfim, listar todas as possibilidades é um trabalho praticamente impossível. A única semelhança é que os jornais de língua estrangeira — como os que formam a pequena imprensa, no geral — sempre se espelharam no tipo difundido pela grande imprensa. Quando se decide fazer um jornal é natural que a primeira atitude seja reproduzir o modelo já conhecido e, no caso dos imigrantes, o modelo conhecido nos seus países de origem.

Sobre o conteúdo desses jornais, inclusive os dois títulos analisados em profundidade – *O Lusitano* e *El Correo Gallego* – destacam-se textos de estímulo à manutenção da identidade e dos laços culturais e afetivos que remetem à terra de origem; o assistencialismo e prestação de serviços; o fórum de debates e ideias (de caráter político, religioso etc.); a facilitação da socialização no novo território (ao mesmo tempo e contraditoriamente), baseada na defesa das tradições, valores e moral da colônia em si ou de seus membros; a divulgação cultural; e a denúncia de problemas, desigualdades e/ou irregularidades que atinge diretamente a colônia ou a localidade na qual ela se insere.

Assim, os meios de comunicação voltados para imigrantes, ao publicarem sistematicamente tais representações e servirem como mediadores desse conteúdo são fundamentais para o conhecimento mais íntimo da vida urbana de determinado grupo, seja no passado, seja na contemporaneidade. No caso específico do material jornalístico, seus autores têm a capacidade de ir além de suas necessidades e percepções individuais e colocam sobre o real seus sentimentos e percepções, resultando num conhecimento coletivo e impessoal que pode definir, resumir ou, simplesmente, exibir, características de seus similares.

Isso ficou muito claro quando levamos o conteúdo de *O Lusitano* e *El Correo Gallego* aos imigrantes portugueses e espanhóis, respectivamente. Por meio dos elementos identitários localizados no texto, pudemos perceber pela fala dos grupos que a organização social e identitária, principalmente, e suas características culturais, econômicas, políticas etc. presentes no impresso fazem parte da vida real, ainda que remetam a uma identidade simbólica que pode ou não se aplicar no cotidiano, mas certamente tem forte presença no imaginário social.

São nesses jornais ou em seus grupos que tais imigrantes reencontram a si mesmos, redescobrem seu país, sua língua, sua religião, e se reconciliassem com suas tradições, sua cultura etc., dando sentido ao termo “estrangeiro” não como um substantivo que se refere a pessoas de outros países, mas a um sentimento: não ser daqui, nem ser de lá, mas estar sempre em trânsito entre dois ou mais mundos. A consequência disso é que a geração de outras formas de expressão e linguagens projeta a ação comunitária em uma dimensão de efetiva interferência na alteração de posturas sociais, pressupondo a existência de elos mais profundos, representada por uma identidade no sentido da redescritção do sujeito como tarefa inclusiva necessária e fundamental para a construção de novas relações entre os povos.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAPARELLI, Sérgio. Identificação social e controle ideológico na imprensa dos imigrantes alemães. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Cortez & Moraes / Metodista, ano I, n.1, 1979. p.89-108.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, Edusp, 1998.

COGO, Denise. Multiculturalismo, Comunicação e Interculturalidade: cenários e itinerários conceituais. In: PERUZZO, Cicilia M. K. e PINHO, José Benedito (Org.). **Comunicação e multiculturalismo**. São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001, p.13-44.

_____. A midiaticização das migrações contemporâneas no contexto brasileiro e as matrizes culturais de construção da União Européia e do Mercosul. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2005: comunicação, identidades, migrações e culturas na Lusofonia**. Lisboa: Lusocom, 2005, p.161-179.

_____. Mídia, imigração e interculturalidade: por uma análise das estratégias de midiaticização dos processos migratórios contemporâneos na mídia impressa brasileira. In: In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. **Imigração & imprensa**. São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. p.463-479.

CONDE, Ana Paula. *Galícia: da emigração à diáspora*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Memória e identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Faperj/FGV, 2010. pp.283-302.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

DURKHEIM, Émile. (1912). As formas elementares da vida religiosa. In: GIANOTTI, J. A. (org.). **Durkheim**. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

_____. **Sociologia e filosofia** – Representações individuais e representações coletivas. São Paulo: Cone Editora, 2007.

_____; MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia** – Contribuições para o estudo das representações coletivas. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. **Imigração & imprensa**. São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

ESCUDERO, Camila. **Imprensa de comunidades imigrantes de São Paulo e identidade: estudo dos jornais ibéricos Mundo Lusíada e Alborada**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2007.

ESCUDERO, Camila; ELHAJJI, Mohammed. **Webdiáspora.br**. Rio de Janeiro: Mimeo, 2014.

FAUSTO, Boris. Imigração e participação política na Primeira República: o caso de São Paulo. In: FAUSTO, Boris et al. **Imigração e política em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, 1995. p.7-26.

FREITAS, Sônia Maria. **Presença Portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial / Memorial do Imigrante, 2006.

GARCÍA-GUILLÉN, Mario. **Vimos por nuestras águas: espanhóis no Brasil**. São Paulo: Senac, 2005.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

GOMES, E. S.; BARBOSA, E. F. **A técnica de Grupos Focais para obtenção de dados qualitativos**. Belo Horizonte: Instituto de Pesquisa e Inovações Educacionais – Educativa, 1999.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005a.

_____. A questão multicultural; A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnia; e Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora: identidades e medições culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

KLEIN, Herbert S. **A imigração espanhola no Brasil**. São Paulo: Sumaré/Fapesp/Idesp, 1994.

_____. “Migração Internacional na História das Américas”. In: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Edusp, 2000.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodologia de Analisis de Contenido**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAHMEYER LOBO, Maria Eulália. **Imigração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2001.

MEDINA, Cremilda (org.). **Nau dos desejos**. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1994.

MORA, Martin (2002). Las teorías de las representaciones sociales de Serge Moscovici. **Athenea Digital**. Disponível em: <http://blues.uab.es/athenea/num2/Mora.pdf>. Acesso em: abril 2012.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUNIZ SODRÉ. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: _____ (org.). **O retorno da comunidade: Os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

PARK, Robert. **The immigrant press and its control**. New York: Harper & Brothers, 1922.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

TADEU SILVA, Tomaz (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005a.